NORBERTO LOPES

JORNALISTA E ESCRITOR

ALEXANDRE FERREIRA

NO

CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

LISBOA

1977

ALEXANDRE FERREIRA

NO

CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

DR. NORBERTO LOPES

NORBERTO LOPES

JORNALISTA E ESCRITOR

ALEXANDRE FERREIRA

NO

CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

CONFERÊNCIA PROFERIDA NA CASA DE REPOUSO
DE INVÁLIDOS DO COMÉRCIO
EM 5 DE NOVEMBRO DE 1977

LISBOA

1977

SE fosse vivo, teria completado ontem cem anos de idade Alexandre Ferreira, que foi um dos fundadores, e, mais do que isso, o grande animador desta Casa, que lhe deve, além do impulso inicial, a continuação desafogada da sua existência e o fortalecimento progressivo dos seus meios de acção. O culto pela sua memória, em que todos partilhamos sem excepção, aqueles que o conheceram e tiveram o privilégio da sua amizade e os que ouviram falar dele como as crianças ouvem histórias maravilhosas com a curiosidade e a avidez que se traduz nestas palavras súplices: «Conte, avozinha, conte mais!», o culto da sua memória, dizia eu, reuniu-nos agora aqui para lhe prestarmos uma homenagem singela que, na linguagem usual, costuma chamar-se pomposamente sessão solene — mas que hoje será apenas uma hora de agradável convívio —, e recordar mais uma vez o seu nome coroado de admiração e de respeito e a sua obra plena de inspiração e de vitalidade. Outras homenagens lhe têm sido prestadas pelos dirigentes desta instituição, que a ela se têm dedicado com um entusiasmo e uma devoção cujas provas materiais estão à vista de todos. Porque o seu aspecto moral e social não tem preço nem pode traduzir-se em cifras e em números, naquela aritmética rigorosa e fria a que os Americanos reduzem as suas grandes obras.

Deu-me a ilustre Direcção desta Casa a honra imerecida, mas também o difícil encargo, do qual não saberei desempenhar-me como gostaria — e não me alongarei muito, embora o tema seja rico de inspiração e de ensinamentos — de dizer algumas palavras em louvor do seu patrono, encargo para o qual tenho apenas o mérito de ter sido amigo de Alexandre Ferreira e companheiro de seus filhos, sobretudo desse grande, talentoso e singular poeta — será preciso dizer-lhe

o nome? —, que foi, há bons sessenta anos, meu irmão de ideal, de devaneios literários e de esperanças num futuro melhor para este desolado País, que anseia por uma vida mais próspera e mais digna do que aquela que lhe prometeram e ainda não conseguiram dar-lhe os seus pretensos salvadores.

Quero recordar também aqui o nome de Humberto Pelágio, que a morte levou tão cedo, e que foi nosso camarada de tertúlia e de anseios juvenis, porque também ele está ligado de algum modo a esta Casa.

Mas que direi eu que já não tenha sido dito em louvor de Alexandre Ferreira, sobre a humildade da sua origem, o autodidactismo da sua formação, a riqueza multifacetada da sua personalidade, a nobreza da sua alma de eleição, a pureza dos seus ideais, a sinceridade dos seus sentimentos e a cordialidade do seu trato, que a todos abraçava no mesmo amplexo comovido e fraterno?

Alexandre Ferreira foi o tipo exemplar do carola, isto é, do entusiasta, do apaixonado por todas as iniciativas que tomava sobre os seus ombros, aqueles ombros largos e robustos que se inclinavam num indício aparente de cansaço, mas que não vergavam ao peso dos maiores fardos que lhes punha em cima. A verdade, porém, é que nada de útil se faz neste mundo sem esse entusiasmo, sem essa paixão, sem essa carolice que dá aos homens de boa vontade a força necessária para removerem montanhas e superarem sem desfalecimentos todos os obstáculos e todas as contrariedades que se lhes deparem.

Alexandre Ferreira, que nasceu num berço pobre, sem meios para estudar e seguir uma carreira que lhe desse os proventos de que necessitava para subsistir, era o exemplo típico do *self made man*, do homem que se fez por si próprio, do autodidacta que aprendeu tanto na vida como nos livros, quando lhe vinham à mão, nas horas em que o trabalho lhe deixava tempo livre para se entregar ao prazer da leitura. E então satisfazia avidamente a sua ânsia de saber, que lhe deu uma soma de conhecimentos apreciável e uma cultura invulgar.

«— Como é que o Pai sabe tanta coisa?» — perguntava-lhe o filho mais velho, ao ouvi-lo dissertar sobre os mais variados assuntos.

«— Porque aproveitei o tempo para ler quanto pude e aprender aquilo que ninguém me ensinou.»

Que vou eu dizer sobre o meio social em que se criou, filho de um alfaiate honrado, nascido numa casa modesta de um bairro pobre

de uma cidade de trabalho, como é o Porto? Sobre os primeiros passos que deu na vida, órfão de pai e mãe aos 12 anos de idade? Da necessidade de ganhar o sustento diário, que o levou, apenas com o exame de instrução primária, a ser aprendiz de vários ofícios e moço de recados em oficinas de ocasião, até chegar a empregado no comércio, vivendo a maior parte do seu tempo detrás de um balcão, onde aprendeu a lidar com os homens — mas sobretudo com as mulheres, nem sempre fáceis de entender e de aturar? Que vou eu dizer do seu entusiasmo pelo desporto, que o arrastou para o ciclismo, onde chegou a ombrear com os melhores corredores da época? (Foi ele o vencedor de uma escalada ao Sameiro, como havia de sê-lo em provas mais difíceis de subida a outros montes). Da sua admiração pelo teatro, que o atraiu para as sociedades de recreio, onde representou como distinto amador? Da sua paixão pela música? (Foi ele o animador dos concertos de David de Sousa no Politeama, que constituíram uma agradável novidade e um progresso notável para o seu tempo, o protector desinteressado, o mecenas generoso de muitos jovens que sonhavam com a glória e vieram depois a ser músicos notáveis.) E até do seu gosto pela pintura, que praticou, embora só aos domingos, e em que revelou incontestável mérito?

Enfim, uma sensibilidade rica de aspirações estéticas, «um sonhador de beleza e distribuidor de bondade», como lhe chamou com propriedade Caetano Beirão da Veiga. Um sonhador, mas não um visionário nem um utopista, porque estes, por via de regra, não realizam e o sonhador Alexandre Ferreira realizava. Paladino de uma justiça social que ainda não foi possível alcançar no mundo louco em que vivemos, pela qual lutou sem descanso uma vida inteira, entregou-se com total devoção a uma obra em que empregou todos os seus esforços, todas as suas energias e que é esta admirável instituição a que ele consagrou o melhor da sua inteligência, da sua vontade férrea (sendo de veludo o seu trato), do seu espírito de sacrifício e do seu amor pelo próximo, da sua sede de igualdade e de fraternidade entre os homens, fabricados com o mesmo barro grosseiro e nascidos com os mesmos direitos, seja qual for a matriz donde provêm e os privilégios que ilustrem o seu berço.

Vêmo-lo, já, nos primeiros anos da sua acidentada mocidade, proprietário de um pequeno estabelecimento em Braga, exactamente de bicicletas, em cujo ramo comercial se especializou, dada a sua prática da modalidade. Mas não fica por aqui. A sua permanente inquietude não o consente. O bicho carpinteiro que lhe roía as entranhas

não o deixa parar. Pois não se dedicou, em certa altura, tal era a ânsia de saber que o dominava, ao estudo de problemas relacionados com a fotografia e a óptica, para alargar os seus conhecimentos e valorizar-se como profissional?!

Foi nessa cidade que contraiu matrimónio com D. Maria do Carmo Gomes, união de que havia de nascer, no começo do século, uma criança fadada para gloriosos destinos, que trouxe já no sangue o dom da poesia e a vocação do sonho. Quero falar, naturalmente, de José Gomes Ferreira, em quem estou a ver o vivo retrato do pai, na doçura do olhar, nos maxilares salientes e voluntariosos (embora seja de mel o seu trato), no nariz aquilino e avantajado, na cabeleira romântica, na expressão de bondade que transparece no rosto e até nos gestos largos e parabólicos de seu pai.

Aos 22 anos, Alexandre Ferreira regressa ao Porto, aonde vai ocupar o lugar de gerente de uma casa comercial especializada em fotografia e em ciclismo, dois ramos de negócio tão diferentes, mas em que ele adquirira uma experiência que o recomendava para o desempenho do lugar. As suas aspirações, porém, e o desejo de empregar a sua actividade num meio mais favorável e mais aberto não o deixaram permanecer por muito tempo naquela cidade e em 1904 vamos já encontrá-lo em Lisboa, gerente de uma casa de artigos fotográficos, e, dali a pouco tempo, ele mesmo proprietário de um estabelecimento da mesma especialidade, de que haverá ainda porventura quem se lembre, na Rua Nova do Almada.

A sua vocação comercial, porém, não se pode dizer que fosse brilhante. O comércio exige qualidades positivas sob o aspecto prático, mas inibe de o exercerem com proveito aqueles que ligam mais importância à riqueza espiritual do que à opulência material que provém do dinheiro. E em 1914, quando a guerra estalou na Europa, abandonou a actividade comercial, precisamente numa altura em que ela oferecia perspectivas mais aliciantes, para se dedicar ao ramo de seguros, no qual adquiriu uma autoridade e uma reputação que o impuseram como técnico consciencioso e respeitado.

Alexandre Ferreira rondava pelos 14 anos quando estalou no Porto a revolta de 31 de Janeiro, que deixou gravada no seu espírito uma recordação indelével. Pode dizer-se que nasceu aí o seu amor pela liberdade e a sua mística republicana, fortalecida pela simpatia que lhe despertavam sempre os vencidos, os fracos, os oprimidos, os inválidos, todos os desprotegidos da fortuna, todos os carecidos de

ALEXANDRE FERREIRA

protecção e de justiça, em suma, todos os vencidos da vida. Idealista, devorado por anseios de perfectibilidade humana e de justiça social, não tardou a comungar nas ideias republicanas e a tomar parte nas manifestações que visavam derrubar a monarquia. Pertenceu a uma geração politizada que lutou pela República, o que não aconteceu, de um modo geral, com aquela que pretende construir o socialismo e que se politizou, apressadamente, só depois de nos terem sido restituídas as liberdades fundamentais, entre as quais ocupa lugar primacial a liberdade de Imprensa, que foi, no meu entender, a maior conquista da revolução de Abril e sem a qual nenhuma das outras podia existir.

Implantada a República, veio a fazer parte de uma vereação da Câmara Municipal de Lisboa, onde desenvolveu uma acção notabilíssima na criação de creches, lactários, cantinas escolares, asilos, colónias balneares, obras de saneamento citadino, iniciativas de natureza artística e social e até um projecto de reforma da instrução pública em bases novas, que elaborou com a colaboração do Prof. Faria de Vasconcelos. As suas ideias nesta matéria, que podiam considerar-se revolucionárias, e o seu dinamismo criativo levaram aquele homem de ciência a dizer-lhe um dia que ele é que estava indicado para ministro da Instrução, ao que Alexandre Ferreira obtemperou:

«— Mas eu só tenho o exame de instrução primária...

«— Pois sim — ripostou o professor —, mas o que é preciso, acima de tudo, é capacidade de acção e essa tem-na Você que chegue e sobeje para o desempenho do cargo.»

Há quem compare a sua figura imponente e a sua acção em prol das ideias democráticas com o papel que Magalhães Lima desempenhou, antes e depois da implantação da República em Portugal, a sonhar com uma sociedade mais perfeita e uma política mais conforme com os anseios do povo português. Com uma diferença: é que Magalhães Lima sonhava e Alexandre Ferreira realizava. A ele se deve a fundação da Universidade Livre, obra de educação popular, defensora e propagadora de princípios, de ideias e de conhecimentos que aproveitaram sobretudo à classe média, àqueles que não tinham posses nem ajuda de ninguém para frequentar escolas superiores ou mesmo estabelecimentos de ensino secundário, e que veio a ser encerrada em 1926 por não convir à política de obscurantismo que caracterizou um longo período da nossa história contemporânea, depois de ter prestado serviços inestimáveis à divulgação

da cultura portuguesa e à educação de uma pequena burguesia que não dispunha de outros meios ao seu alcance para se instruir.

Nunca ouvi discursar Alexandre Ferreira, mas socorro-me das palavras tão ajustadas ao retrato que dele esboçou Raúl Esteves dos Santos, para evocar a sua figura de orador romântico e fluente, cuja palavra elegante e sugestiva tinha enorme poder de persuasão: «Como orador — escreveu aquele combatente republicano que foi amigo de João Chagas — possuía todas as grandes qualidades para dominar os seus auditórios: bela figura, porte majestoso, rosto de linhas nobres e suaves que dois formosos olhos enchiam de expressão, voz sonora, de um timbre agradabilíssimo, gesto elegante. Os seus discursos, ouvidos sempre atentamente, impressionavam pelo forte poder de convicção que emprestava às palavras.»

Recordo-me, com efeito — e estou a ouvi-lo — da sua voz quente e harmoniosa, do seu olhar atento e afectuoso, da sinceridade que punha nas suas opiniões e da convicção com que expunha as suas ideias. Tinha um riso franco, saudável, contagioso. «Era uma alegria, um sol que nos aquecia e iluminava a casa, um optimismo comunicativo que se sentia quando ele chegava» — diz-nos José Gomes Ferreira, numa enternecida evocação de seu pai. Era, na verdade, uma presença atraente, de um convívio encantador, que não nos permitia um minuto de enfado nem um momento de distracção quando o ouvíamos. Era dotado de uma vivacidade de espírito e de uma clareza de raciocínio que maravilhavam. De uma agilidade mental que surpreendia. E, ao mesmo tempo — o que pode parecer paradoxal —, de uma timidez que não o deixava colocar-se, fosse em que circunstâncias fosse, em posição de relevo, ainda mesmo que tivesse direito a ela, como aconteceu na inauguração da primeira sede onde esta casa de repouso funcionou e em cuja cerimónia tomou parte um representante da autoridade. Alexandre Ferreira desapareceu em certa altura, escondeu-se entre a numerosa assistência para não ser notado no momento em que disparavam as objectivas dos fotógrafos e também — porque não havemos de dizê-lo? — para não figurar numa fotografia oficial ao lado do delegado de uma situação política pela qual não morria de amores. E só quando o representante do Governo se retirou foi possível trazê-lo ao convívio dos seus amigos, que reclamavam com insistência a sua presença.

A adulação não fazia parte do seu modo de ser, do seu espírito de justiça, da rectidão de carácter que o distinguia. Nunca bajulou, nunca mentiu, nunca atropelou ninguém, respeitou sempre os direitos

dos outros e não poucas vezes acudiu a prestar justiça a quem a merecia ou a defender quem era injustamente acusado. Era um espírito superior, um destes homens raros que se contam numa época pelos dedos de uma só mão. Os principais pólos da sua actividade foram a instrução, a luta contra o analfabetismo, a protecção às crianças e aos velhos, — que constituía uma obsessão permanente do seu espírito —, a cultura física e a assistência social nas suas várias modalidades.

Não resisto à tentação de citar este episódio curioso respigado de um livro de José Gomes Ferreira. Num passeio descontraído pelo Parque Eduardo VII, em domingo de sol acariciante e convidativo, o Poeta surpreendeu uma «roda de meninas ricas (...) a entoar esta melopeia de pé-coxinho, na inconsciência de repetir recordações de paraísos provisórios alheios», e que revelava a popularidade que lhe conquistou uma iniciativa em que Alexandre Ferreira pôs todo o empenho do seu generoso coração, como foi a colónia balnear infantil da Cruz Quebrada:

Já não quero ir para o meu pai,
não quero ir para a minha mãe.
Quero o senhor Alexandre Ferreira
que nos trata muito bem.

E o Poeta terminou a sua comovida evocação: «Paro, trémulo. E, de súbito, no brumal do tempo dissolvido em morte-sol-vida-lua, vejo o sr. Alexandre Ferreira — tu, Pai! — a rir e a chorar no meio das crianças pobres que inventaram essa canção nos banhos da Cruz Quebrada (chapéus de palha enormes), organizados por ti durante a balbúrdia por vezes tão humana e fraterna da I República.

Em 1925, já nas vésperas do movimento militar que havia de implantar a ditadura em Portugal, foi eleito deputado do Partido Democrático por Lisboa com a maior votação que se registou na lista de que fazia parte, superior àquela que alcançou António José de Almeida na lista contrária. A sua popularidade entre os comerciantes da Baixa foi a explicação desta honrosa vitória eleitoral. Ele gozava, na verdade, de um prestígio que lhe permitia chegar a uma loja e dizer: «Eu preciso disto e daquilo para esta ou para aquela obra». E todos os comerciantes satisfaziam de bom grado e sem hesitações os seus pedidos, sem cuidar de saber quem pagava e quando

seriam saldadas as contas. Às pessoas que com ele lidavam e que punham dúvidas acerca da viabilidade financeira dessas requisições costumava dizer: «O que é preciso é conseguir o que se pretende, porque o dinheiro aparece sempre».

Múltiplas e sempre conseguidas foram as suas iniciativas, mas foi sem dúvida esta obra grandiosa e modelar em que nos encontramos que marcou na vida de Alexandre Ferreira o ponto mais alto da sua actividade criadora. Poucos saberão que na base da fundação desta Casa se conta o incitamento de um grande mestre do teatro português, o actor António Pinheiro, que sonhava para a sua classe com uma casa de repouso semelhante àquela que existe em França para artistas dramáticos. A iniciativa ficou-se devendo, no entanto, a um caixeiro de praça, Alfredo Cabral, que encontrou em Alexandre Ferreira um entusiasta e um colaborador excepcional, e foi estruturada em moldes novos, que não tinham sido ainda adoptados entre nós.

Pode, portanto, considerar-se uma instituição de vanguarda, que já o era antes da transformação que se operou na sociedade portuguesa depois da revolução de Abril, e constituiu exemplo e estímulo para outras que vieram mais tarde, como o Lar do Comércio, que tem a sua sede no Porto. E foi esta a razão por que muitos beneméritos acorreram a auxiliá-la com as suas contribuições, porque ela estava certa no modo de alcançar os seus objectivos com um espírito novo, diferente daquele que presidia até ali ao funcionamento habitual de instituições similares, ainda muito próximas da sopa humilhante distribuída na portaria dos conventos. Era, portanto, mais digna de ser contemplada, o que lhe valeu a adesão e o apoio de numerosos beneméritos e a simpatia da opinião pública.

Nesta Casa — e foi essa uma das decisões mais inteligentes e mais acertadas da sua Direcção — respeitam-se todas as confissões religiosas, cada um mantém as suas crenças, mas nenhuma Igreja tem o seu altar e nenhuma religião o seu oficiante.

Foi numa fotografia da Rua do Loreto, de que muitos se recordarão ainda, a Casa Fernandes, que se fundou, em Abril de 1929, a associação promotora da casa de repouso de Inválidos do Comércio, para a qual cada sócio contribuía com a avultada quota mensal de um escudo. E talvez um escudo fosse, nesse tempo, uma contribuição razoável, dado que por um escudo se podia comprar uma boa galinha, que não seria contudo a dos ovos de oiro... Alexandre

Ferreira associa-se a breve trecho à ideia e três meses depois presidia à comissão organizadora da casa de repouso, a qual levou a efeito em todo o País uma campanha de propaganda e obtenção de fundos com resultados animadores. Um ano decorrido, num domingo de Primavera em que o sol quis associar-se à festa, a casa de repouso inaugurava-se oficialmente, com dez internados, numa pequena quinta do Paço do Lumiar arrendada para esse efeito. Oito anos depois era já possível instalá-la em edifício próprio na Quinta do Outeiro, onde hoje se encontra, adquirida em 1935 por trezentos contos, e, em Março de 1938, depois das grandes obras que aqui se fizeram, era solenemente inaugurada com mais de uma centena de residentes. Do velho edifício alugado onde nasceu até à vasta propriedade onde hoje está instalada, foi grande a distância percorrida e extraordinários os progressos alcançados, que surpreenderiam o próprio Alexandre Ferreira, se pudesse voltar a percorrer estes lugares tranquilos e repousantes onde os seus passos deixaram marcas inapagáveis. E os melhoramentos não param. As obras prosseguem. Uma administração modelar, a que se consagram de bom grado alguns carolas, não descansa enquanto não vir a obra aperfeiçoada, engrandecida.

De onde provêm os recursos que fazem face aos encargos vultosos de Inválidos do Comércio? — perguntarão alguns. Pois vêm da quotização dos sócios (cerca de um terço da receita) e também dos donativos, dádivas, legados, heranças e dos rendimentos do seu património, cada vez mais reduzidos, dada a desvalorização dos papéis que o constituíam. Até Abril de 1974 a instituição era autosuficiente e orgulhava-se, até, da sua independência financeira, sem que até essa data tivesse recebido um tostão do Estado. As coisas, porém, modificaram-se a partir de então. Os encargos, quer com os vencimentos do pessoal, quer com a satisfação das despesas habituais, aumentaram consideravelmente, e, para lhes fazer face, não houve outro remédio senão recorrer ao auxílio do Estado.

Vivem hoje aqui, com a decência e o conforto que as arejadas e acolhedoras instalações lhes proporcionam, 320 residentes entre homens e mulheres, cujas idades variam entre os 70 anos (em média) e os 95, a idade da mais velha internada que aqui se encontra. Uma senhora que tem hoje 89 anos, viva, alegre, desembaraçada, de uma invejável lucidez, entrou para cá com cerca de 60. Vinte casais fazem aqui a sua vida, em quartos privativos, numa perfeita intimidade, que ninguém perturba, com os seus bibelós, os seus objectos de uso pessoal, as suas recordações, como se vivessem na sua própria casa.

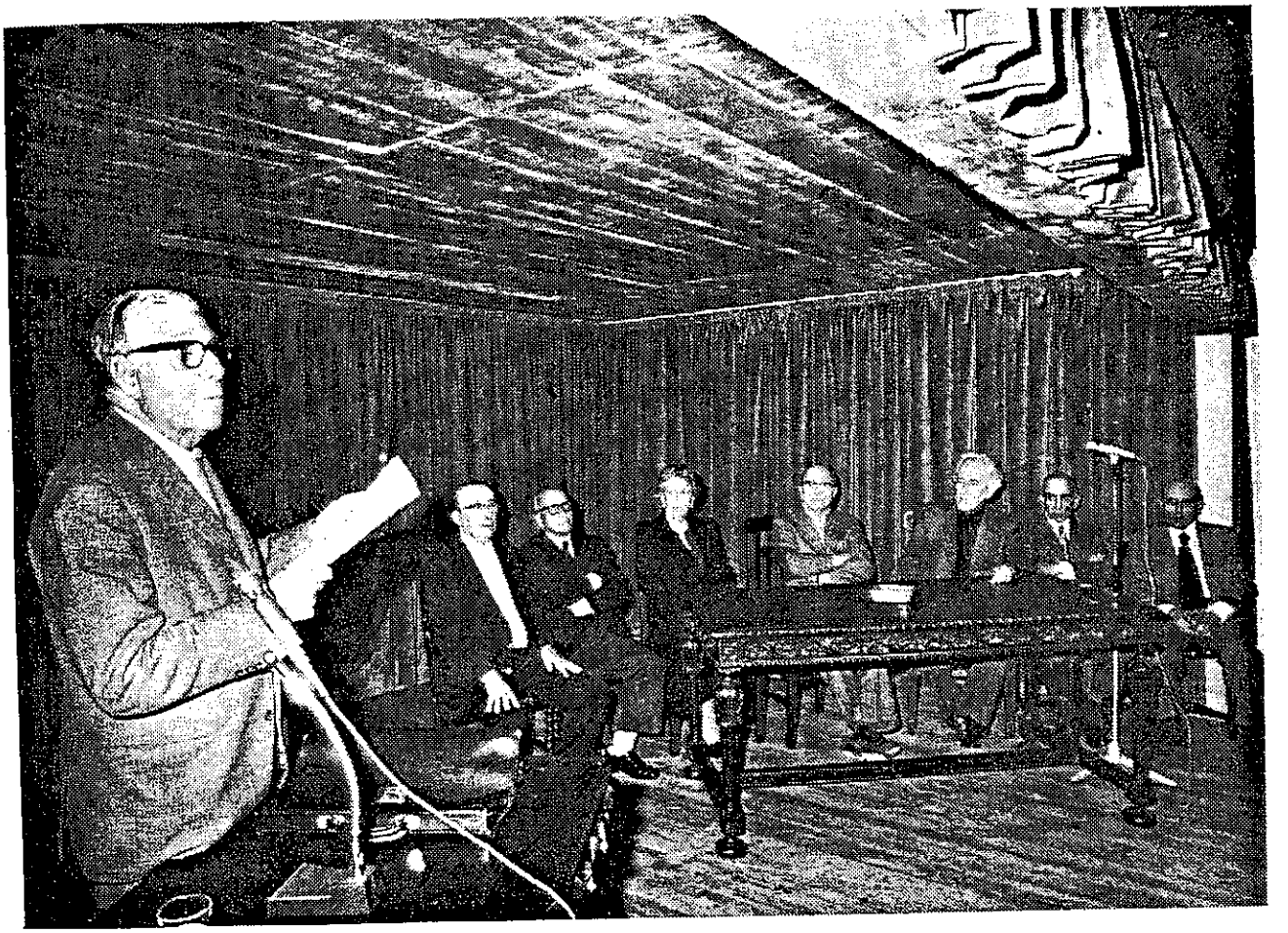
Não se trata, portanto, como estão a ver, de uma vulgar obra de caridade, de uma esmola concedida pelos que têm de mais aos que têm de menos, como aquelas que até à data da sua fundação existiam e continuam a existir entre nós, mas sim de uma obra de autêntica solidariedade social, de puro e dignificante altruísmo, que não humilha aqueles que dela beneficiam e onde os beneficiários continuam a gozar os seus direitos de homens livres, de cidadãos em parte inteira. Não têm farda, não têm número, usam o seu nome próprio e não vêem coarctadas as suas liberdades. Não se trata de um albergue ou de um hospício: casa de repouso e não asilo de velhos, residentes e não asilados, como outrora e ainda hoje se consideram os que vivem graças à esmola que a munificência burguesa se digna conceder-lhes.

Alexandre Ferreira não foi apenas o grande impulsionador, a alma desta obra incomparável, foi também o grande mestre cujas lições não se perderam e que legou aos seus continuadores um pensamento elevado, nobilitante, uma concepção de solidariedade mais conforme com os ventos que sopram no mundo e que todos desejamos se encaminhe para uma era de paz e de justiça social que não será possível alcançar tão cedo — e alcançar-se-á algum dia? —, porque a condição humana, infelizmente, não é susceptível da perfectibilidade desejada. A presença espiritual de Alexandre Ferreira mantém-se, contudo, dentro destas paredes acolhedoras: «Se Alexandre Ferreira fosse vivo — interrogam-se os seus continuadores — como procederia ele em tais e tais circunstâncias?»

A todos os que por aqui passam, administradores, empregados, residentes e a todos os que se arvoram em condutores de homens deixou ele esta sentença lapidar: «O capital de maior valor duma nação é o homem. Como tal há que o defender desde o nascimento, velar pela sua formação física e moral, de molde a que possa constituir um valor e não um peso morto.»

Seu filho, José Gomes Ferreira, definiu-o nestas palavras exactas: «...meu Pai pertencia àquela falange de homens bons que acreditam na transformação do mundo pela educação e pela cultura».

A seu respeito, Cunha Leal escreveu que «se destacava nele um sentimento de profunda tolerância para as opiniões alheias, um respeito inato pelo direito de autonomia mental dos outros, sem o que ele entendia não ser legítima a reivindicação do mesmo direito para ele próprio».



O CONFERENCISTA, D. LAURA PELÁGIO E DR. JOSÉ GOMES FERREIRA, FILHOS DE ALEXANDRE FERREIRA E A COMISSÃO EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES

Caetano Beirão da Veiga, que foi seu colega numa vereação municipal de Lisboa, em seguida à implantação da República, embora perfilhando pontos de vista diferentes e incompatíveis em matéria política, tornou-se em breve seu admirador e sincero amigo. São dele estes expressivos conceitos: «Quando eu vi Alexandre Ferreira com marcado ar de filósofo e sonhador, com tão insinuante expressão de bondade, com os seus cabelos grisalhos longos e soltos, que lhe imprimiam um atraente aspecto profético, senti nascer no meu peito uma onda de simpatia. Era aquele nobre perfil que, perante nós, se destacava dentre a maioria da edilidade». E a verdade é que, republicanos e monárquicos, todos se entendiam. E, «contra a expectativa do público eleitor, nessa Câmara — acrescenta Beirão da Veiga —, não se fez política partidária, não se levantaram obstrucionismos por parte da minoria, não se verificaram violências do lado da maioria e todos se esforçaram por colaborar numa obra de elevado espírito citadino». É caso para dizer, ainda que possa considerar-se uma censura verrinosa, «o tempora! o mores!»

De Alexandre Ferreira se pode dizer sem desprimor, e peço-lhes desculpa se me alonguei mais do que prometi, mas a vida dele dava pano para mangas — e não vejam nesta alusão uma ironia, que seria descabida, à sua origem humilde — que foi o homem dos sete ofícios. Mas a verdade é que em todos se comportou como um autêntico virtuoso e nunca deixou de honrar os princípios de honestidade, de honradez e de lisura que nortearam toda a sua vida. Só não cultivou a poesia, ao que suponho, mas essa vocação, nascida porventura do caudal de sonho que o pai lhe legou (pois também ele foi um poeta, embora não tivesse feito versos), havia de florescer no filho, que o pai levava pela mão aos comícios «de propaganda republicana de boa memória — como José Gomes Ferreira escreveu — para absorver certas orações mágicas despenhadas do alto das tribunas como maná retórico». E afinal, tão parecidas com aquelas «orações mágicas» proferidas três décadas mais tarde noutros comícios em que o excelso e laureado poeta tomou parte, despenhadas do alto de tribunas idênticas e grávidas do mesmo maná retórico destinado a saciar a fome hereditária do mesmo povo sofredor e desiludido na sua longa travessia do deserto.

Gráfica Brás Monteiro, Lda. — Lisboa